
DA CIDADE DE OIAPOQUE À VILA BRASIL/CAMOPI: AULA DE CAMPO PERCORRENDO O CURSO MÉDIO DO RIO OIAPOQUE

FROM THE CITY OF OIAPOQUE TO VILA BRASIL/CAMOPI: FIELD LESSON
COVERING THE MIDDLE COURSE OF THE OIAPOQUE RIVER

Adriano Michel Helfenstein¹

<http://lattes.cnpq.br/5458945886320355>

<http://orcid.org/0000-0003-0681-6214>

Alexandre Luiz Rauber²

<https://orcid.org/0000-0002-4909-6491>

<http://lattes.cnpq.br/1063621313011291>

José Mauro Palhares³

<http://lattes.cnpq.br/8262131787816202>

<https://orcid.org/0000-0001-9311-1049>

RESUMO: Neste artigo apresentamos o relato de uma aula de campo realizada no ano de 2016, na qual foi organizada uma expedição à Vila Brasil, distrito localizado a montante da cidade de Oiapoque, às margens do rio homônimo. Os conhecimentos que fundamentaram a organização da aula foram trabalhados de forma teórica nas disciplinas de Geologia, Hidrografia, Geografia da População e Cartografia e posteriormente comparados e compilados aos dados coletados em campo; essas análises resultaram na elaboração de relatórios que serviram como parte avaliativa das referidas disciplinas. A escolha do local de realização da aula de campo se justifica pelo fato de ser possível trabalhar os aspectos elencados nas referidas disciplinas (tanto os aspectos comumente designados como pertencentes ao que na Geografia se denomina de área física, como os aspectos populacionais e econômicos designados como pertencentes ao campo humano da Geografia). Já adiantamos que essas definições dicotômicas que limitam e engessam o saber, não fazem parte do entendimento de nenhum dos professores responsáveis pela organização da aula; pelo contrário, o intuito foi o de relacionar os aspectos que envolvem todos os fenômenos observados. O objetivo principal da aula de campo foi o de despertar a capacidade analítica dos acadêmicos através da observação dos fenômenos analisados durante as situações refletivas no trajeto e na própria localidade (Vila Brasil), subsidiados pelos dados e informações trabalhadas nas disciplinas que fundamentaram a teoria aplicada. A metodologia pautou-se na observação direta nos locais selecionados, nos quais os alunos eram estimu-

¹ Professor do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional de Oiapoque. E-mail: adriano_amh@hotmail.com.

² Professor Adjunto do Colegiado de Geografia do Campus Oiapoque da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Professor vinculado ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Geografia Oiapoque e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado) PPGeo/UNIFAP. Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás IESA/UFG (2019). E-mail: rauber@unifap.br.

³ Professor Adjunto do Colegiado de Geografia do Campus Oiapoque da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Professor vinculado a Pós-graduação Lato Sensu em Geografia Oiapoque e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado) PPGeo/UNIFAP. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2011) e Estágio Pós-Doutoral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2018). E-mail: jmpalhares@gmail.com.

lados a aplicar e relacionar os conhecimentos geográficos relativos às diferentes áreas com a supervisão e questionamento dos professores envolvidos. De forma geral, a percepção foi de que a aula de campo interdisciplinar contribuiu para demonstrar de forma prática esta importante etapa do processo de ensino da geografia. Nos relatórios produzidos pelos alunos, constamos análises críticas do contexto apresentado, bem como o domínio das ferramentas técnicas imprescindíveis a um trabalho geográfico que possui a premissa de discutir a localização dos fenômenos.

Palavras-chave: Aula de campo; professores de Geografia; Vila Brasil.

ABSTRACT: In this article we present the report of a field class held in 2016, in which an expedition was organized to Vila Brasil, a district located upstream of the city of Oia-poque, the banks of the homonymous river. The knowledge that grounded the organization of the class was worked theoretically in the disciplines of Geology, Hydrography, Population Geography and Cartography and later compared and compiled to the data collected in the field, these analyses resulted in the preparation of reports that served as an evaluative part of these disciplines. The choice of the place of field class is justified by the fact that it is possible to work the aspects listed in these disciplines (both the aspects commonly designated and belonging to what in Geography is called physical area, as well as the population and economic aspects designated as belonging to the human field of Geography). We have already said that these dichotomous definitions that limit and cast knowledge are not part of the understanding of any of the teachers responsible for organizing the class, on the contrary, the intention was to relate the aspects that involve all the observed phenomena. The main objective of the field class was to awaken the analytical capacity of the students through the observation of the phenomena analyzed during the reflective situations in the path and in the locality itself (Vila Brasil), subsidized by the data and information worked in the disciplines that supported the applied theory. The methodology was based on direct observation in the selected locations, in which the students were encouraged to apply and relate the geographic knowledge related to the different areas with the supervision and questioning of the teachers involved. In general, the perception was that the interdisciplinary field class contributed to demonstrate in a practical way this important stage of the geography teaching process. In the reports produced by the students we contain critical analyses of the context presented, as well as the mastery of technical tools essential to a geographical work which have the premise of discussing the location of phenomena.

Keywords: Field class; Geography teachers; Vila Brasil.

INTRODUÇÃO

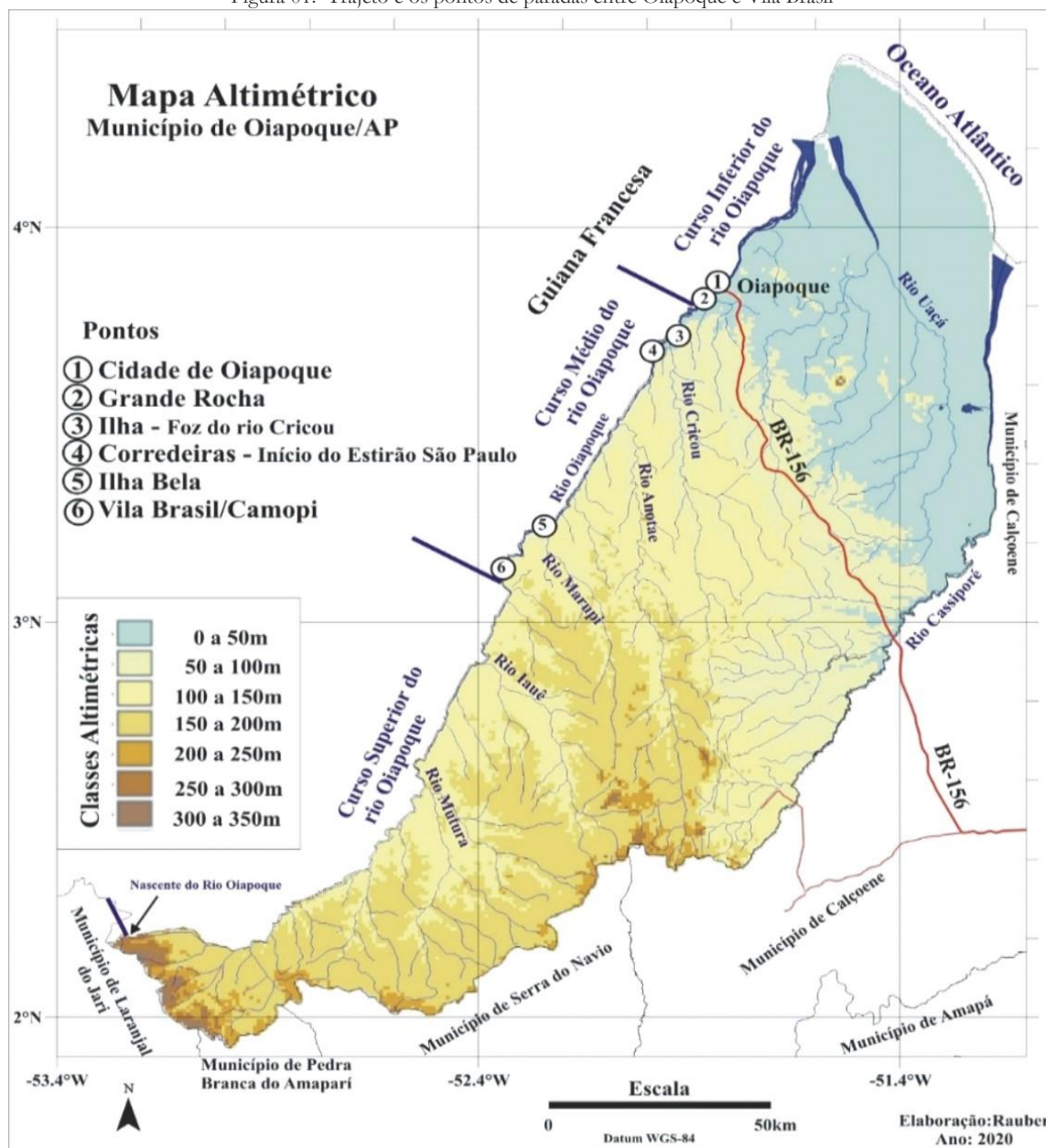
Este trabalho de campo envolveu conteúdo e habilidades das disciplinas de Geologia, Hidrografia, Geografia da População e Cartografia do Curso de Licenciatura em Geografia. O objetivo do trabalho integrado foi o de estudar e entender o curso do rio Oia-poque e também a dinâmica populacional do distrito de Vila Brasil e da comunidade de Ilha Bela inseridos no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque e da cidade de Camopi no Parque da Amazônia Guianense.

Ocorreu a participação efetiva por parte dos discentes e professores com observações e anotações, utilizando as diversas técnicas e metodologias de campo, além de discussões da situação da localidade encravada dentro de uma Unidade de Conservação Integral e como um ponto de suporte para a garimpagem ilegal, com a realização de uma assembleia com a comu-

nidade local.

O trabalho inicial para realizar a aula de campo se deu em escolher os locais de parada (denominamos como pontos) em que seria possível observar os fenômenos e o maior número de aspectos passíveis de análise por professores e dos discentes; dessa forma, foram elencados 6 pontos durante o trajeto entre a cidade de Oiapoque e a Vila Brasil/Camopi – Figura 01.

Figura 01: Trajeto e os pontos de paradas entre Oiapoque e Vila Brasil



Fonte: autores, 2020

Os alunos foram divididos em grupos e durante o deslocamento foram elencados pontos referenciados com o auxílio do Sistema de Posicionamento Global (GPS) para auxiliar na produção de relatório de campo.

Observa-se na figura 01 que o rio Oiapoque corre na direção sul - sudeste SSW para norte - nordeste NNE, obedecendo a um leve basculamento nessa direção do escudo das Guianas.

O mesmo é formado pela confluência das águas dos rios Queriniutu e Uacipeim aos 2° 10' 7" de latitude norte e 52° 58' 48" de longitude oeste. Suas nascentes estão a 155 metros de altitude segundo MORAES (1964), desaguardo no Oceano Atlântico, percorrendo 355 km de extensão.

Para fins didáticos deste estudo, podemos sistematizar o curso do Rio Oiapoque, dividindo em três secções: Alto, Médio e Baixo.

O Alto Oiapoque compreende o início de suas nascentes na foz do rio Camopi, seu maior afluente da margem esquerda. Esse trecho possui cerca de 186 km. O Médio Curso é o trecho que vai da foz do rio Camopi até a Grande Rocha, percorrendo 102 km, enquanto que o Baixo Curso é compreendido entre a Grande Rocha até a sua foz na baía do Oiapoque, possuindo 64 km de extensão.

A AULA DE CAMPO COMO POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

A influência que o positivismo de Augusto Comte imprimiu à Filosofia e por conseguinte às diferentes ciências também obteve êxito na Geografia, principalmente durante o período que compreende o final do século XIX até a metade do século XX, o qual denominamos de Geografia Tradicional, “Os postulados do positivismo (aqui entendido como o conjunto das correntes não-dialéticas) vão ser o patamar sobre o qual se ergue o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe unidade” (MORAES, 2005, p.07).

Uma das principais influências dessa maneira de organizar o pensamento foi a fragmentação do objeto de análise da Geografia, ou seja, apesar de batizar no âmago do Iluminismo um conhecimento milenar e holístico sobre o título de Geografia, essa institucionalização do conhecimento o fragmentou e normatizou a riqueza de informações acumuladas por gerações.

Uma primeira manifestação dessa filiação positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em circunscrever todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador. (MORAES, 2005, p. 07)

Na atualidade, percebe-se uma busca pela retomada e construção de um conhecimento que resgate essa característica ampla de análise propiciada pela geografia. Vários são os autores que chamam a atenção para a necessidade de construirmos um ensino de Geografia pautado nas distintas realidades das quais os alunos de diferentes localidades estão inseridos. Diante desta constatação, e em consonância com a reflexão de Cavalcanti (2002, p.14), concordamos que “o objetivo do ensino de Geografia é o de formar raciocínios espaciais e formar esses raciocínios é mais do que localizar, é entender as determinações e implicações da (s) localizações [...]”

Partindo da premissa de que o ensino deva ser uma construção coletiva que considere conhecimentos de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino/ aprendizagem, a aula de campo se torna uma oportunidade para o exercício de relacionar a teoria geográfica, as diferentes paisagens encontradas *in locus* e os conhecimentos não acadêmicos dos alunos e indivíduos entrevistados nas aulas.

De forma a corroborar com as afirmativas já elencadas anteriormente nesse texto, a importância da aula de campo se potencializa como uma possibilidade de tornar esses contextos

locais um laboratório a ser utilizado para o ensino dessa disciplina tão importante para a formação de cidadãos críticos e ativos em suas comunidades. A esse respeito, Souza e Chiapetti (2012, p. 9), ao versar sobre a importância da aula de campo, afirmam que esta

“[...] proporcionaria a compreensão da realidade vivida pelos alunos e a apreensão de outros espaços geográficos externos ao seu cotidiano, ampliando as fontes de conhecimento que os levam à reflexão e à tomada de consciência sobre a organização do seu espaço geográfico”.

Ainda versando sobre a importância do trabalho de campo Conpiani e Carneiro (1993, p. 90) apontam algumas de suas funções no processo educativo, quais sejam,

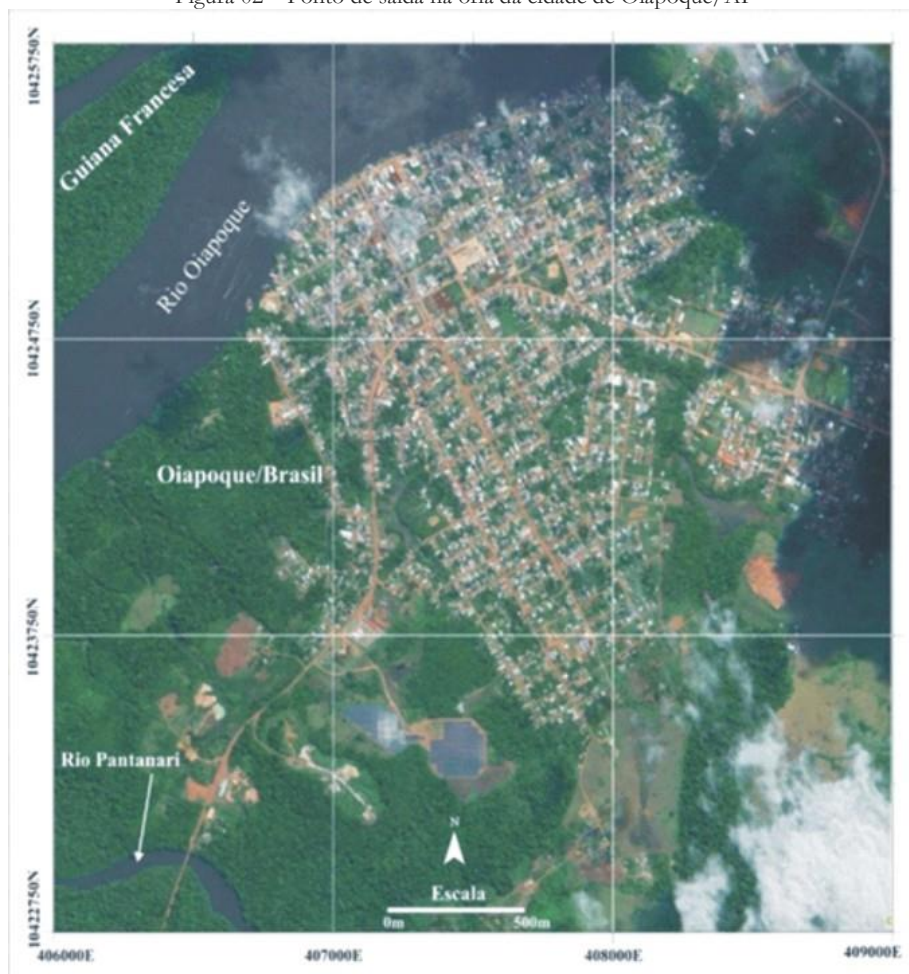
Ilustrativa, cujo objetivo é ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; motivadora, onde o objetivo é motivar o aluno a estudar determinado tema; treinadora, que visa a orientar a execução de uma habilidade técnica; e geradora de problemas, que visa orientar o aluno para resolver ou propor um problema.

A partir das premissas até aqui apresentadas, passaremos a descrever as etapas, discussões, desafios, dificuldades, metodologias e produções que resultaram dessa experiência enriquecedora para todos os envolvidos.

A AULA DE CAMPO OIAPOQUE A VILA BRASIL/CAMOPI

O trajeto fluvial consistiu em uma viagem realizada por meio de catraias (barcos) nas quais se deslocaram duas turmas do curso de Licenciatura em Geografia do Campus Binacional de Oiapoque, totalizando 45 discentes e três professores. A viagem aconteceu no mês de março durante o inverno amazônico (período de chuvas) no qual o volume de água do Rio Oiapoque aumenta de forma significativa e proporciona uma navegabilidade em menor tempo até o destino. Mesmo com o aumento do nível do rio por conta das chuvas da época, houve alguns pontos de transposição que precisaram ser realizados a pé e os barcos transpostos de forma manual sobre as corredeiras para prosseguirmos a viagem até a Vila Brasil.

Figura 02 – Ponto de saída na orla da cidade de Oiapoque/AP



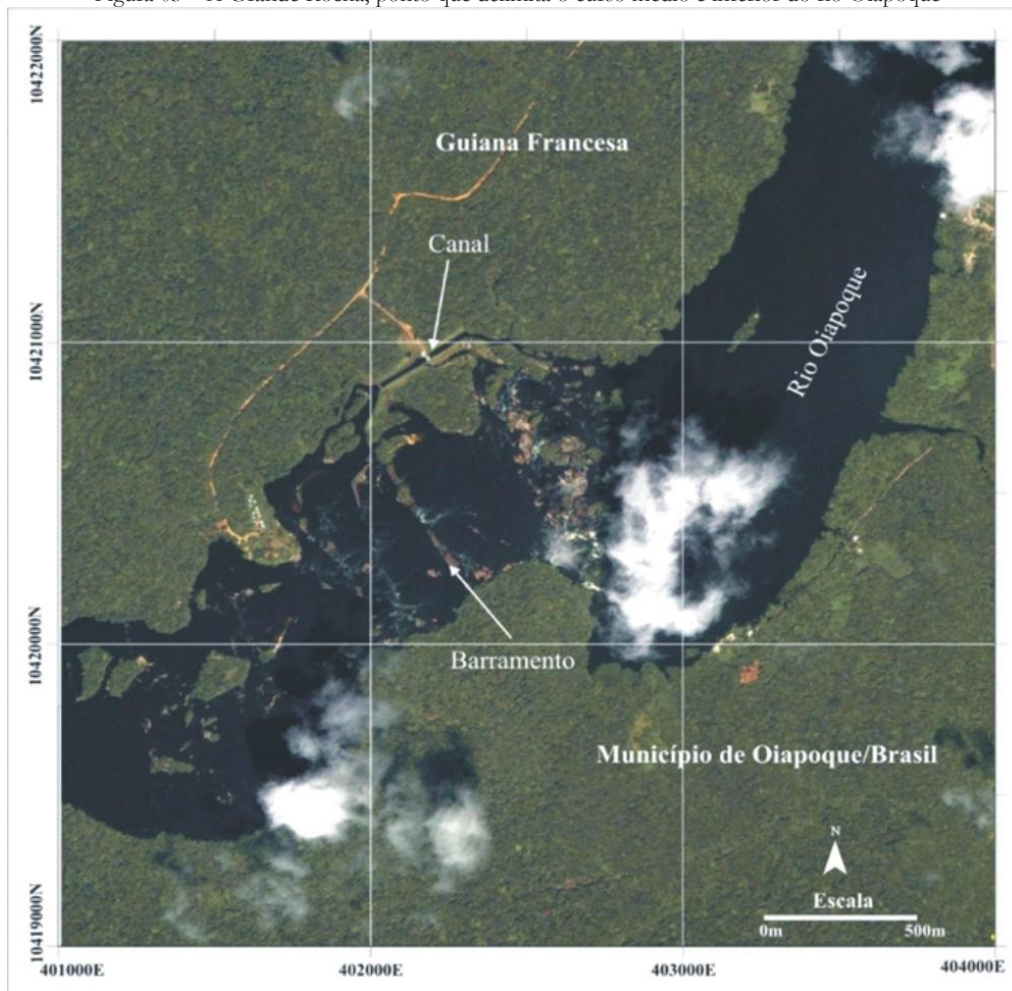
Fonte: autores, 2021

O primeiro ponto serviu de local de encontro e organização da viagem; ali foram explicados procedimentos de segurança, como a utilização de colete salva-vidas durante todo o trajeto de deslocamento e aspectos referentes ao local de partida que dizem respeito a questões econômicas, uma vez que o posto é local de venda de combustível e ponto de partida de embarcações que se deslocam pelo Rio Oiapoque. Portanto, não só esse, mas os outros postos de combustíveis estão localizados às margens do rio Oiapoque, pois são pontos estratégicos de abastecimento de atividades ligadas à chamada “economia de garimpo” predominante entre as atividades econômicas realizadas nessa região. Segundo Almeida e Rauber (2017, p. 481):

A exploração e extração de ouro é regulamentada com autorização tanto no Brasil quanto na Guiana Francesa; contudo, os casos legais são pontuais. Com isso, o fenômeno problemático são os garimpos ilegais que envolvem migrantes, trânsito comercial diverso e prostituição, fenômenos observáveis e definidos aqui como “economia do garimpo”.

Depois de tudo acertado e organizado foi dada a partida às 10h05 em direção à Vila Brasil. Distante 5km a montante do ponto 01 foi localizado o primeiro obstáculo no rio. Figura03.

Figura 03 – A Grande Rocha, ponto que delimita o curso médio e inferior do rio Oiapoque



Fonte: autores, 2021

Esse grande obstáculo denominado Grande Rocha demarca o segmento do rio em baixo e médio Oiapoque. Figura 04. É o maior obstáculo natural do curso deste rio.

O baixo curso do rio Oiapoque ou inferior é caracterizado por feições expressivas e singulares como: o nível das margens baixas, sujeito à subida da maré que influencia até a Grande Rocha. Possui declividade de apenas 0,03%, inexistência de arquipélagos formados sobre afloramentos rochosos e possui largura mínima de 250 m, estreito denominado “morna”, situado no trecho compreendido entre as cidades de Oiapoque e Saint Georges, local onde foi construída a Ponte Binacional.

Figura 04 – Transbordo da bagagem realizada pelos discentes na Grande Rocha

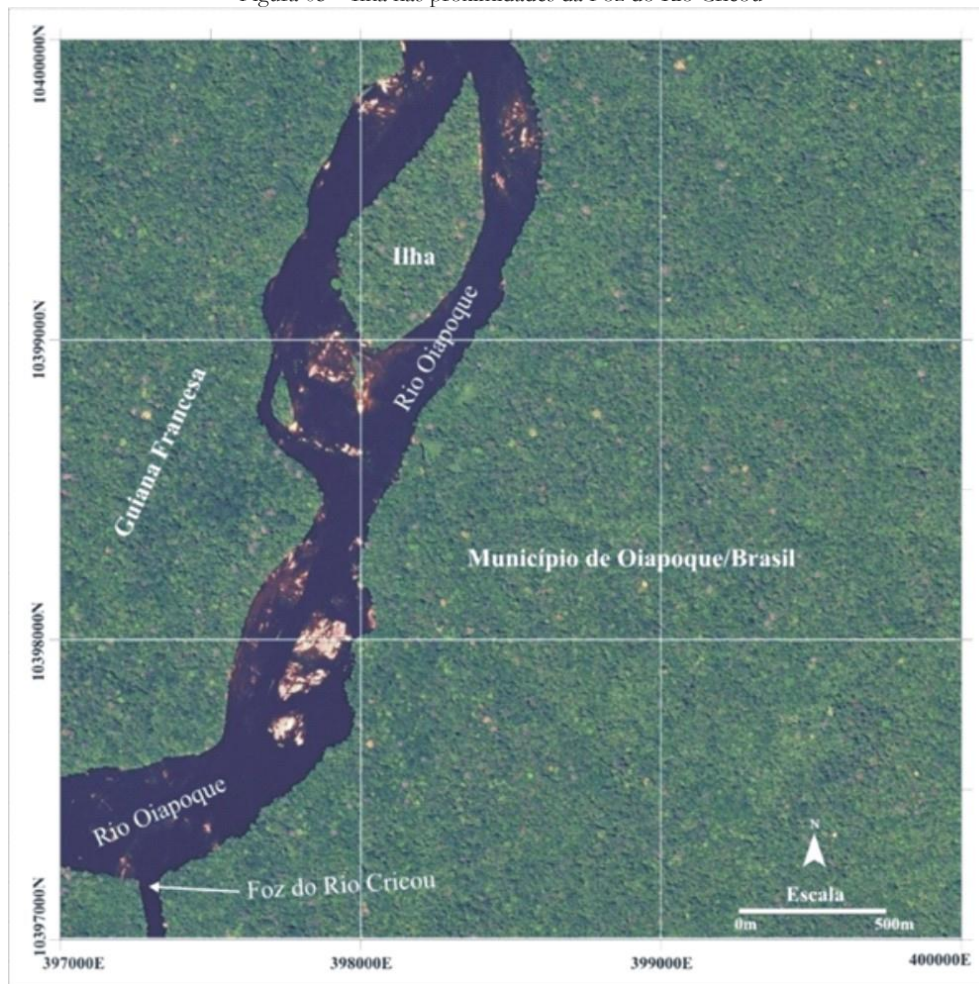


Fonte: autores, 2016

Este ponto estratégico e às vezes com dificuldades de transposição está localizado a 5km a montante da sede do município. É a demarcação do curso do rio em baixo e médio Oiapoque. Na figura 04, observa-se que esse travessão é do ponto de vista geológico composto por rochas do complexo guianense formado por rochas cristalinas pré-cambrianas com presença de granitos e gnaisses (MORAES, 1964). O local é bastante visitado por turistas e banhistas que frequentam a Grande Rocha à procura de sossego, tranquilidade e lazer (PALHARES; GUERRA, 2016). Alunos, professores e catraeiros fazendo o transbordo do baixo para o médio curso sob a Grande Rocha.

No curso médio do Oiapoque percorremos 102 km. Esse percurso apresenta amplos trechos encachoeirados, formando às vezes sistemas muito complicados para a navegação. Segundo MORAES, 1964, PALHARES E GUERRA, 2016, é significativa a expressão em matérias de travessões e afloramentos rochosos, condicionando o alargamento do rio e a formação de numerosas ilhas, ilhotas. Figura 05 e corredeiras encontradas logo a montante da Grande Rocha.

Figura 05 – Ilha nas proximidades da Foz do Rio Cricou

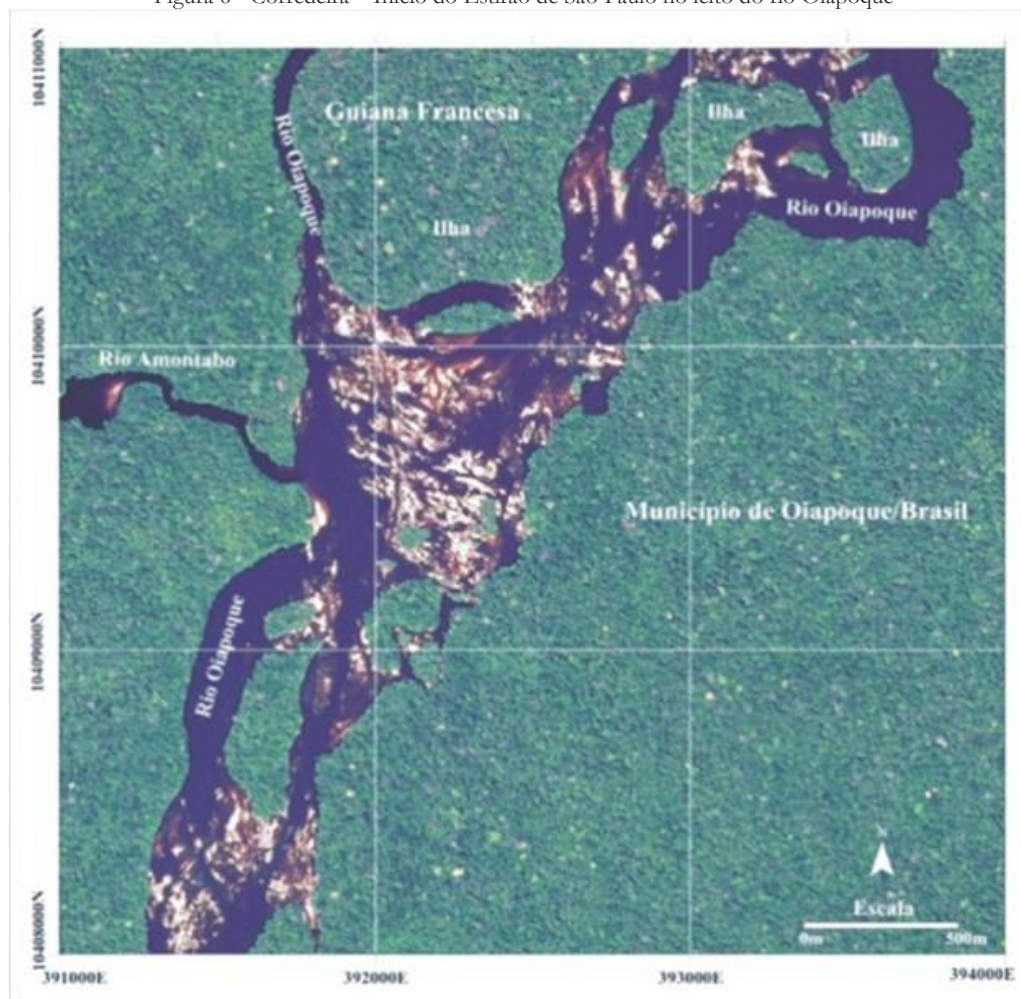


Fonte: autores, 2021

Neste percurso de 102km, o rio Oiapoque apresenta grande quantidade de água, sobretudo durante o período chuvoso, proveniente do rio Camopi, bem como de outros rios menores, entre eles, o Anotaie e Cricou da margem direita brasileira e o Matabô da margem esquerda francesa. Figura 06.

Este trecho do rio Oiapoque é completamente diferente do baixo curso em que a navegação flui sem grandes complicações devido às cheias das marés e a baixa quantidade de rochas em seu leito.

Figura 6 - Corredeira – Início do Estirão de São Paulo no leito do rio Oiapoque



Fonte: autores 2021

Segundo MORAES 1964, de acordo com relatos e observações dos alunos e professores durante a aula de campo, ficou constatado que a montante da Grande Rocha, o rio segue um trecho muito acentuado que culmina nas impetuosas corredeiras Anauá. Logo após se sucede uma viagem tranquila, até pouco a montante da confluência do rio Cricou, para em seguida surgirem corredeiras enormes que definem esta interessante porção do rio Oiapoque, exigindo dos canoeiros ou catraeiros, como são conhecidos localmente, muita prática e experiência para vencerem as cachoeiras Fourmi-Oiapoque, Caxiri e Papacoará.

Após a desembocadura do rio Matabô no Oiapoque, existe um longo trecho sem obstáculos à navegação, via de regra, exigindo apenas a atenção por parte dos catraeiros para desviar de rochas do leito do rio. Figura 07.

Figura 7 - Corredeira – Início do Estirão de São Paulo no leito do rio Oiapoque

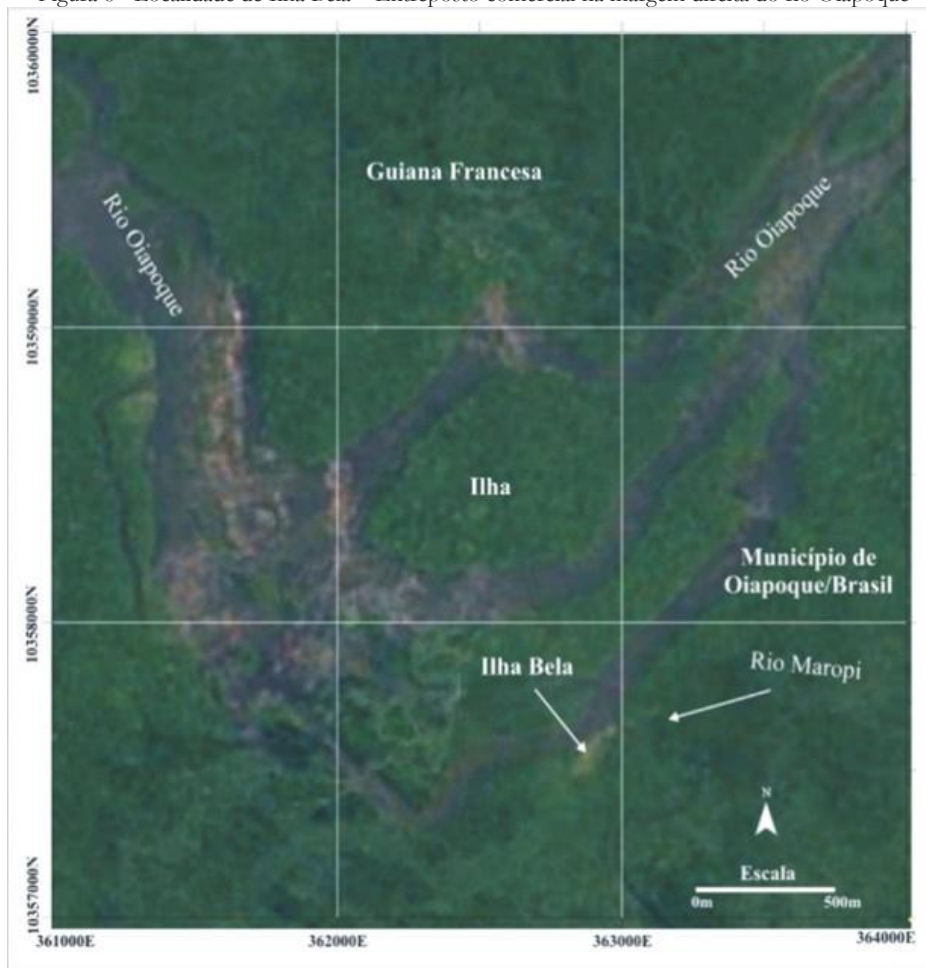


Fonte: autores, 2016

A partir desse ponto do rio foi fotografado e observado o magnífico “estirão São Paulo”, Figura 07 correspondendo o trecho retilíneo do rio com cerca de 8km de extensão, apresentando matacões angulosos e afloramentos rochosos de ambos os lados, bem como de margens barrancosas.

Durante a viagem no curso médio do Oiapoque observou-se que esse apresenta amplos trechos encachoeirados, formando algumas vezes sistemas muito complicados para a navegação. Há grande quantidade de ilhas e ilhotas. Figura 08 As margens são mais elevadas, tanto que não se nota a presença da Palmeira Açaí.

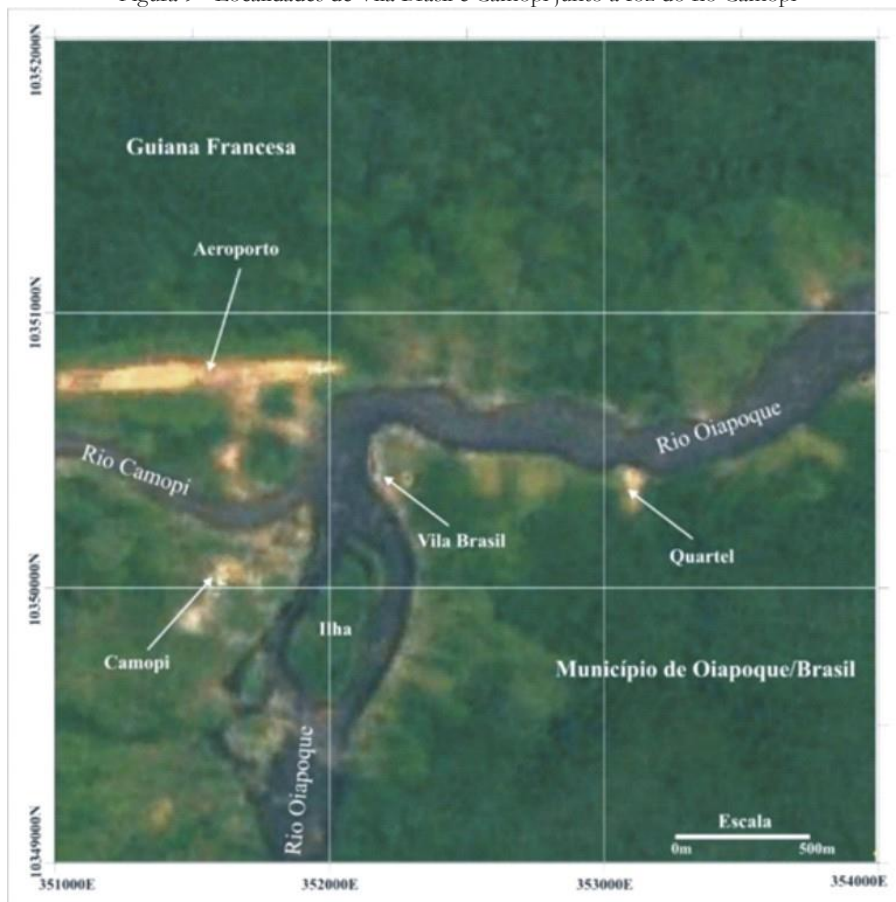
Figura 8 - Localidade de Ilha Bela – Entrepasto comercial na margem direita do rio Oiapoque



Fonte: autores, 2021

Dentre as várias ilhas e ilhotas existentes nessa porção do rio, destaca-se a Ilha Bela, comunidade que juntamente com Vila Brasil, encontram-se dentro dos limites do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. Essa comunidade é constituída basicamente por garimpeiros que se instalaram no local na década de 1990 durante a forte migração de brasileiros em busca da exploração de ouro em território francês. Não muito distante a montante de Ilha Bela, pode-se observar a confluência e foz do Rio Camopi, desaguando no Rio Oiapoque e demarcando o limite entre o médio e alto curso do rio homônimo. Figura 09.

Figura 9 - Localidades de Vila Brasil e Camopi junto à foz do rio Camopi



Fonte: autores, 2021

Figura 10: Mosaico de fotografias dos locais de prestação de serviços e atividades de Subsistência em Vila Brasil



Fonte: autores, 2016.

A Vila Brasil é uma comunidade fronteiriça, localizada no médio curso do rio Oiapoque e que mantém relação social e comercial com a comunidade de Camopi, localizada do outro lado do rio, em território da Guiana Francesa. Do ponto de vista econômico predominam atividades voltadas para o comércio, destinado fundamentalmente a atender a comunidade indígena de Camopi, que detém recursos advindos de subsídios do governo francês; identifica-se, também, a prática da caça, da pesca e agricultura de subsistência, prestação de serviços – Figura 10 - ou por atividades ligadas ao garimpo de ouro praticado na região.

Palhares (2016, p. 114-115), ao relatar o processo de formação de Vila Brasil e sobre a composição de sua população afirma:

A comunidade de Vila Brasil, segundo alguns relatos, surgiu em meados da década de 1930, por meio de serviços oferecidos à proteção dos índios, e que hoje a localidade sobrevive das relações comerciais entre os próprios moradores e os índios Wãpi (BRASIL, 2007). A maioria da população da Vila Brasil é formada por comerciantes, oriundos de vários estados brasileiros, que mantêm relações comerciais com a população local e da Guiana Francesa. Estes chegaram à vila a procura de melhores condições de vida, pois nesta época o ouro era o principal atrativo da região. Além dos comerciantes, há também outros moradores que vivem na Vila como os índios pertencentes a várias aldeias entre elas a do povo Wãpi.

Durante a aula de campo participamos junto aos alunos de uma assembleia realizada com os moradores de Vila Brasil e Ilha Bela, e na ocasião foram debatidos conflitos vivenciados por estas comunidades com a administração do Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque, em especial no que se refere à ocupação e uso do espaço.

Figura 11: Assembleia com os moradores de Vila Brasil, março de 2016



Fonte: autores, 2016

A gestão do Parque é de responsabilidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) e por ser uma unidade de conservação de proteção integral, tem por objetivo “preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos nesta Lei” (SNUC, LEI Nº 9.985/2000, Art. 7º § 1º), não admitindo o tipo de uso que os moradores de Vila Brasil dão àquele território, uma

vez que residem no interior do Parque (HELFENSTEIN, 2019).

Silva Neto; Landim Neto (2017, p.65), também identificaram esses conflitos em trabalho sobre a localidade:

Os conflitos existentes entre a comunidade de Vila Brasil e a administração do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque se desenvolvem a partir da ocupação e uso do espaço reivindicado. Exacerbados pelas demandas distintas das duas partes envolvidas neste conflito socioambiental, destacam-se dois discursos proeminentes de parte a parte. De um lado, a administração do Parque do Tumucumaque defende que seu uso deve ser restrito às atividades de pesquisa e preservação do meio ambiente, pondo-o como um santuário de cuidado da fauna e flora amazônica, alicerçando seu posicionamento pela lei 9.985 de 19 de julho de 2000, que trata do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que institui que nos sistemas de proteção integral não se admite a existência da presença humana organizada como comunidades urbanas ou rurais. [...] Aos moradores de Vila Brasil, emerge o discurso de antecedência da comunidade à criação do Parque, em 2002. Em relatos apontados pelos nativos, indica-se a presença na região de brasileiros migrantes entre as décadas de 1970 e 1980, além de indígenas ainda no início do século XX, que se utilizam do local para a realização de suas atividades de plantio e de pesca.

Ao analisar as características gerais que envolvem os problemas enfrentados pelos moradores de Vila Brasil, Helfenstein (2019, p. 54) aponta que:

Vários são os problemas a serem enfrentados pelos moradores de Vila Brasil, tanto no que se refere ao reconhecimento de sua legitimidade diante do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, quanto a questões que perpassam por esse reconhecimento e estabelecimento de políticas públicas por parte do estado brasileiro em questões como por exemplo o acondicionamento e tratamento adequado dos resíduos sólidos [...].

Essa realidade foi constatada na realização do trabalho de campo e pode ser observada na Figura 12.

Figura 12: Mosaicos de imagens do local de depósito de resíduos sólidos de Vila Brasil



Fonte: autores, 2019.

Segundo relato dos moradores, esse local de depósito resulta de uma vala utilizada inicialmente para extração de garimpo; porém, esse não é um local adequado para o descarte desses materiais, uma vez que não possui cuidados com impermeabilização, que acaba por promover a contaminação do solo. Durante o período de inverno amazônico, o local fica tomado pela água da chuva e em certos momentos os resíduos são carregados para dentro do leito do rio Oiapoque.

Outra localidade que faz uso deste local para depósito dos seus resíduos sólidos é a comunidade de Camopi, descrita por Helfenstein (2019, p.55-56) da seguinte maneira:

A comunidade de Camopi possui cerca de três mil habitantes, está localizada na margem oposta do Rio Oiapoque em relação a Vila Brasil. Essas comunidades estão intrinsecamente ligadas e distanciadas por questões políticas, econômicas e culturais, uma vez que também refletem a forma como cada estado nação, respectivamente França e Brasil, organiza cada um desses territórios.

Essa análise resulta da observação dos contrastes estruturais que ambas as localidades (Vila Brasil e Camopi) possuem, enquanto na Vila Brasil não há o fornecimento contínuo de energia elétrica e os serviços de saúde e educação são precários, Camopi possui estrutura de geração e distribuição de energia elétrica, escolas e moradias em boas condições a seus moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de campo interdisciplinar teve grande importância na formação acadêmica dos discentes, pois trata do momento de interação entre as diferentes formas de conhecimento: as que os alunos possuem de suas experiências cotidianas e as acadêmicas, acessadas através das aulas teóricas através de conhecimentos sistematizados em formato científico.

Essas correlações realizadas durante a aula de campo mediadas pelos professores permitiram aos alunos construir relatórios de forma conjunta de maneira crítica sobre a realidade encontrada no trajeto da expedição, exercitando não somente a descrição técnica dos fenômenos encontrados, mas também a importância e a necessidade de sua participação no contexto político das ações do Estado em que estão centradas as raízes dos conflitos identificados.

Outra constatação observada a partir dos relatórios avaliativos propostos foi sobre as possibilidades que as aulas de campo adquirem para os futuros professores, tanto como uma metodologia que permite extrapolar os limites físicos da sala de aula pelos alunos quanto pela necessidade de treinar os olhares para capturar elementos e singularidades que muitas vezes passam despercebidas de olhares não atentos.

Foi possível perceber a compreensão por parte dos futuros professores da necessidade do planejamento das etapas de uma aula de campo a fim de superar a equivocada ideia que os alunos têm de que a aula de campo é um mero passeio para além dos muros da escola, mas como possibilidade de potencializar o ato de construção coletiva de novos saberes e a superação de problemas como os vivenciados pela população que reside na fronteira franco-brasileira.

Por fim, a aula de campo significou o estreitamento da relação entre professores e alunos, visto que as tarefas realizadas durante as aulas e as trocas de conhecimentos proporcionaram a compreensão da importância que o professor tem como agente capaz de promover a realização de mudanças na sociedade, principalmente em um contexto no qual está inserido o município de Oiapoque, periférico nas várias escalas do sistema do mundo capitalista, fronteiro e com redes técnicas e de comunicação precárias, mas ao mesmo tempo singulares de uma riqueza cultural que os amazônidas desse local construíram através das suas experiências de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S; RAUBER, A. L. **Oiapoque aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, RS: Revista Redes, 2017.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.
- COMPIANI, M. e CARNEIRO C. D. R. **Investigaciones y experiencias educativas: Os papeis didáticos das excursões geológicas**. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, p 90-97, 1993.
- HELFENSTEIN, A. M. **A influência das redes geográficas no atual estágio de desenvolvimento do município de Oiapoque – Amapá**. 2019. 207f. Tese (Doutorado em estudos socioambientais) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa). Goiânia. 2019.
- MORAES, A.C.R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MORAES, J. M. **O Rio Oiapoque**. Revista Brasileira de Geografia. n.1: p. 3-61, 1964.
- SILVA NETO, A, S; LANDIM NETO, F, O. **Conflitos socioambientais na fronteira franco brasileira: distrito de Vila Brasil, Oiapoque – Amapá e o parque nacional montanhas do tumucumaque**. REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA Fortaleza, Brasil, v.

11, n. 1, p.57-67, jan./jun. 2017.

PALHARES, J.M. **Educação ambiental e sustentabilidade: o caso de Vila Brasil no município de Oiapoque Amapá-Brasil**. REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA, v. 10, n. 2, p. 108-119, jul./de. 2016

PALHARES, J, M; GUERRA, A, J, T. **Potencialidades no Município de Oiapoque, Amapá, para o Desenvolvimento do Geoturismo – AP**. Revista. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 6, N.2, p. 51-72, 2016.

SOUZA, S. O.; CHIAPETTI, R. J. N. **O Trabalho de Campo como estratégia ao ensino de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia, v. 3, p. 3-22, 2012.